

4.5. JORNALISMO, UM APRENDIZ DE FEITICEIRO

Em 1967 começara JC a sua longa carreira de jornalista da forma mais casual possível ao fazer a reportagem do Circuito Internacional de Vila Real e da Fórmula 3. Vendera um exclusivo à Rádio Renascença para quem haveria de trabalhar até sair de Portugal em 1973. A história começa numa forma bem mais prosaica. Estava convidado em Vila Real pelo seu tio que era à data Diretor Clínico do Hospital e responsável médico pela prova.

Calmamente assistiam na bancada principal às provas quando se deu um grande acidente com um corredor chamado Tim Cash, segundo a reminiscência que guarda do incidente. Como falava bem inglês, fora chamado para servir de intérprete. Acabara a entrevistar o acidentado, gravando tudo no seu portátil que já o acompanhava nesses dias para toda a parte. Quando saíra do hospital era lógico que todos quisessem saber o que se passava (o homem salvou-se) e limitara-se a ver quem lhe oferecia mais pela fita (naqueles tempos ainda não havia cassetes). Ganhou a alta soma de 500\$00 pelo feito.

Mais tarde cingira-se a escrever para a Rádio Renascença numa clara demonstração de saber aproveitar as oportunidades. Oferecera-se para colaborar com eles em futuras provas. A RR achava que o jovem JC tinha pinta e dignaram-se aceitá-lo como colaborador de automobilismo para a Zona Norte. Foi trabalhar com o célebre e popular programa Página 1 de José Manuel Nunes, com colaboradores como Joaquim Amaral Marques, Adelino Gomes, Pedro Castelo. Era o programa de rádio mais ouvido e logo à primeira tentativa tinha entrado. Viriam a ser notáveis as coberturas que fariam dos eventos desportivos a norte do país.

Curiosamente, uma das notícias mais importantes que transmitira fora a morte de Otis Redding, num desastre de aviação em 10 de dezembro de 1967. Isto porque não se usavam frequentemente telexes (quem se lembra deles hoje?) e JC passava a vida a ouvir estações piratas como a Rádio Caroline, Rádio Luxemburg, onde tinham acabado de dar a notícia. Nessa altura as notícias do mundo demoravam dias a chegar às redações dos jornais e das rádios. Não só nessa época.

Mais tarde, em plena década de 1990, ainda enviava os seus despachos para a agência Lusa, para a Rádio Macau (TDM - RTP) e, mais tarde, para o jornal Público através de telex. Tinha de os ir enviar à baixa de Sidney. Chegava a Lisboa e ao jornal, provavelmente, com mais de um dia e meio de atraso.

O sistema de reportagem foi-o desenvolvendo e melhorando ao longo dos tempos, sem lições de ninguém porque nunca fora feito antes. Inicialmente não lhe

pagavam nada, depois começaram a pagar as despesas, gasolina, telefones e alimentação. Por fim, já tinha uma avença e pagava aos seus colaboradores em cada prova. Era um dos dois maiores sonhos da sua juventude: ser advogado e seguir a carreira diplomática ou ser jornalista. Desde os 12 ou 13 anos que sonhava com essas profissões. Este já cá cantava, da outra desistiria. Viria a não diplomaticamente acabar por dar muitas voltas ao mundo sem ser advogado.

Numa primeira fase fazia a cobertura de eventos motorizados com o seu melhor amigo e piloto de competição em ralis, o Taka e ocasionalmente um primo ou um amigo juntava-se a eles. Iam ver as classificativas cronometradas mais importantes e seguiam em busca dum telefone para dar os tempos desse troço cronometrado. A seguir começaram a ter mais de um carro para fazer a cobertura e podiam ter várias equipas a transmitir os dados à medida que os concorrentes iam percorrendo os vários troços. Era a verdadeira cobertura em direto e ao vivo. Já nessa época se vivia com muita intensidade a febre dos Ralis em Portugal. Havia gente em todos os montes e serras, fosse a que hora fosse. Por mais ermo e deserto que fosse o local havia lá gente.

Nos primeiros anos o que os identificava perante os polícias era um cartão retangular prensado com a palavra PRESS a branco sobre fundo vermelho. Depois mandaram imprimir autocolantes com a identificação da estação emissora e do programa. Havia um gravador portátil de cassetes e um par de auscultadores de estúdio para as entrevistas, à partida e à chegada, com uns fios esquisitos que serviam para transmitir o som através do telefone. Reportagem na hora com meios improvisados e inventados por jovens como ele. Uma vida excitante para um adolescente que lhe permitia não só contactar com todos os pilotos, como com os organizadores, equipas de assistência, e com as jovens que eram atraídas para este tipo de eventos. Que mais podia desejar? Isto tudo e ainda lhe pagavam para ouvir a sua voz na rádio.

Foram, anos e anos sempre a correr, vividos intensamente entre ralis e treinos num velho Opel Kapitän 1958 ou num Volvo "Marreca" PV 544 de 1959 percorrendo tudo o que era estrada municipal ou caminhos de cabras. Uma vez numa florestal, perto de Gondarém (à saída de Viana do Castelo), saíra uma manada de vacas à sua frente e quase que embatiam num pelourinho. Raramente saíram da estrada. Exceção feita ao primeiro rali de iniciados que fizeram em que depois de partirem de Santa Luzia (Viana do Castelo, de novo) embateram fortemente com um penedo. O motor ficou no lugar do pendura e a roda sobressalente veio para o seu lugar. O carro ficou com a frente desfeita. JC teve umas equimoses e hematomas nas costas, os quais depois de devidamente tratados no hospital de Viana nunca

viriam a ser do conhecimento de ninguém. Tão abalado ficara com o acidente que saíra do carro a correr a cantarolar, sem razão aparente, “Corre Nina” do Paulo de Carvalho, para logo a seguir voltar para tentar desligar o corta-corrente com medo de que deflagrasse um incêndio.

O seu pai desesperava quando ia sair com o Taka de carro, e recusava deitar-se até JC chegar. Pois bem, se na maior parte das vezes, a noite não excedia as duas da manhã, muitas vezes houve em que quase chegavam ao amanhecer. O pai ficava na salinha da televisão, a ler, ou a dormir, fumando cigarro atrás de cigarro, incapaz de adormecer sem ter a certeza de que o filho chegava são e salvo. Bem deve ter passado as passas do Algarve enquanto JC estava nesta fase difícil. Muitas vezes quando tentava meter a chave na fechadura já lá estava o pai vindo do escuro a abrir a porta e a ralar-lhe. Foram anos e anos assim, não estudava o suficiente e só se dedicava a carros e a namoricos e havia longas tertúlias com amigos como o José António Salcedo, que viria a reencontrar quase quarenta anos depois, em que se debatia filosofia, a vida, religião e a humanidade.

Ao longo dos cinco anos seguintes percorreram Portugal (mais de um milhão de quilómetros era a estimativa da época) por estradas que nunca nenhum cristão visitara. Numa das vezes entraram numa aldeia cujo nome foi esquecido (algures entre Vimioso e Miranda, talvez Outeiro) onde nunca viatura motorizada alguma entrara até então pela porta do seu castelo. A população veio toda à rua aplaudir e fazer perguntas. Muitos nunca tinham visto um carro em toda a sua vida pois jamais haviam saído de lá. Estava-se nos anos 60 e era como se estivessem em plena Idade Média. Nas estradas mais recônditas de Trás-os-Montes raramente se encontrava movimento, para além de uma ou outra viatura pachorrenta com a sua carga ou um trator dos que começaram a surgir em Portugal por essa década. Muitas vezes iam para sítios em que nem um café existia. Noutros não havia telefones públicos. Ainda se não tinham inventado os telemóveis e a rede dos TLP, futura Telecom, era ainda incipiente nas zonas mais remotas de Portugal.

O perigo maior nessas estradas transmontanas, beirãs ou minhotas, eram os burros, as carroças ou os carros de bois e pouco mais. Ainda havia simpáticos cantoneiros a acenarem nas estradas e a cortarem as ervas das bermas. Até hoje muitas dessas estradas jamais viram outro cantoneiro e as casas dos cantoneiros estão infelizmente destruídas, desabitadas e em ruínas. Podiam até ter sido aproveitadas para pequenas unidades de turismo se alguém quisesse ou tivesse visão, mas isso era pedir muito aos portugueses. É um verdadeiro sacrilégio ver o abandono a que foram votados tantos ícones numa era em que o que existia e

funcionava bem foi substituído por outras estruturas mais modernas, mas que não funcionam. ***O desbaratar de riquezas sempre foi apanágio deste país que viveu sempre à custa dos outros, primeiro das especiarias, dos escravos, do ouro do Brasil e mais recentemente dos subsídios de Bruxelas.*** É uma dor de alma viajar em pleno começo do século XXI e ver pombais abandonados, casas de cantoneiros, estações da velha C.P. destruídas, com um valioso espólio, incluindo azulejos maravilhosos, ao abandono com as velhas pontes (algumas delas notáveis obras de arquitetura) e os ramais dos caminhos de ferro servindo para criar mato. É criminoso perderem-se as vias de pequena bitola onde dantes circulavam ronceiros os comboios que estabeleciam o contacto entre o Portugal profundo e os centros de poder. Ignóbil Estado este que assim delapida património da Humanidade!

Hoje as estradas, municipais e secundárias, estão em bem pior estado do que estavam naquela época. JC fizera centenas de milhares de quilómetros, entre 1996 e 2005, por estradas secundárias que percorrera na década de sessenta. Vira-as definharem sem melhoramentos de espécie alguma, com um ou outro remendo de alcatrão, a maior parte delas esburacada e sem manutenção de qualquer espécie, enquanto as juntas de freguesia locais e o novo IEP (Instituto de Estradas de Portugal) se digladiam a ver de quem é a competência de limpeza das mesmas.

Voltando à Rádio Renascença e ao automobilismo, JC e amigos iam acompanhando ralis e outras provas de velocidade. As últimas, em cuja cobertura estivera, foram nos Circuitos de Vila Real e de Vila do Conde onde, com o Pedro Roriz, ajudaram o já falecido José Fialho Gouveia na reportagem para a RTP. Ali tiveram o, também já falecido, Adriano Cerqueira a ajudar a contar as voltas ao circuito. Sim, porque naquele tempo ainda não se usavam computadores para contar as voltas. Havia cronómetros para calcular os tempos pois a organização ainda não dispunha de meios para facultar tais dados durante a prova. O Adriano havia acabado de regressar de África onde fizera o serviço militar e estava desejoso de se meter no automobilismo. Mais tarde seria ele, durante décadas, a face do automobilismo na RTP. JC teria a oportunidade de voltar a trabalhar com ele no Circuito de Macau em 1981 e 1982.

Cenas a registar deste período de automobilismo, para além das provas em que entrara com o seu grande amigo "Taka", aliás de seu cognome completo "Takatakata" (Ludgero Carvalho de Abreu) quer no seu BMC Míni 1000 e num Cooper S 1275 cc, ou no seu Ford Escort Cosworth Lótus 1600, existem

*muitas. Convirá aqui referir que Joel Azara era o autor dos desenhos animados ou banda desenhada maravilhosa do piloto kamikaze **Takatakata**. Um piloto de óculos, desajeitado, desafortunado e persistente sempre nas suas missões kamikaze, tal como o seu amigo em treinos de ralis. Uma das primeiras provas em que entraram com o Lotus fora no campeonato nacional de iniciados 1971 organizado pelo clube Estrela e Vigorosa Sport, dirigido por Matos Chaves e Luiz Canedo (falecido em 2005). Boas recordações dos perigos que corriam naquela época. Uma noite, num reconhecimento ao pé de Entre-os-Rios, ficaram com o carro suspenso numa curva. Só se ouvia o som das águas lá em baixo. Quando a manhã surgiu viram onde estavam. Foram salvos (humilhação das humilhações!) por um carro de bois que os retirou do precipício. Chegaram a casa pelas oito da manhã quando todas as famílias já tinham corrido os hospitais e a polícia a saber deles.*

Outra vez, no Minho, na região da Serra da Cabreira quando tentava pedir a alguém que o deixasse utilizar o telefone fixo (ainda não havia telemóveis naqueles dias) foram recebidos com uma carga de tiros de caçadeira que mal lhes deu tempo de correrem para o carro e pôr-se em fuga. Isso viria a dar-lhe a luminosa ideia de passarem a ter telefones de campanha instalados nas provas cronometradas (no início e fim dos troços) o que foi feito pela primeira vez nos ralis e provas de velocidade. Passavam a ter um ascendente enorme sobre os restantes repórteres com o envio em tempo real dos resultados dos troços cronometrados. Fora a primeira vez, no mundo, que se procedera assim. Ainda neste período (talvez em 1971) no velho Estádio das Antas puseram, pela primeira vez, um microfone dentro do carro, enquanto o então campeão nacional (Francisco “Xico” Santos) dava as suas voltas à oval do estádio. Foi também a primeira vez no mundo que se utilizou um meio de transmissão radiofónica dum carro em prova, coisa que hoje é banal com as câmaras de vídeo e imagem a serem colocadas em todos os pontos das pistas e nos carros. Talvez tenha sido a coisa mais inovadora que JC fez em toda a vida.

Era comum faltar às aulas na universidade e ir acordar o Taka para tomarem café a Guimarães, almoçarem em Valença e dar um salto ao Gerês. Convém lembrar que nessa altura era nas velhinhas estradas nacionais, estreitas e cheias de curvas, passando por tudo que era aldeia e lugarejo, que se faziam as viagens. Uma média superior a 30 km/h não era nada má. Uma viagem do Porto a Vila Real fazia-se num tempo recorde de duas horas (eles fizeram-no em 92 minutos) para pouco mais de cem quilómetros. Uma ida do Porto a Lisboa, antes da autoestrada, era uma proeza para mais de três horas e meia (fizeram-no em duas horas e dez minutos). Os condutores “normais” chegavam a demorar cinco horas ou mais. Arrepiava-se hoje de pensar nessas viagens. Outras vezes aproveitavam feriados como o do 1º de dezembro (princípio dos nevões de inverno) para irem dar uma volta maior. Normalmente

era até ao Gerês para verem o espetáculo das primeiras neves do ano, ou até ao Alvão e Marão. Outras vezes iam mais longe.

Assim aconteceu em 1970 quando levava o Taka e um primo a Trás-os-Montes passando por Vila Real, Bragança, Vimioso, Azinhoso, seguindo depois até à Serra da Estrela. Dessa vez ficaram a dormir no Azinhoso, depois de terem passado a reta de Vale da Madre (antes de chegar a Mogadouro) a mais de 120 km/h no Austin Cooper S já debaixo dum forte nevão. Na Serra da Estrela, sem terem correntes para os pneus, a tarefa de chegar às Penhas foi difícil e envolveu um auto atropelamento. Um deles ficava na curva a dizer se o Taka podia tentar subir. Como o gelo era muito, o seu primo foi apanhado pelo capô do Mini e foi a deslizar estrada abaixo durante vários metros. Lá chegaram ao cume perante o ar incrédulo de todos os outros automobilistas devidamente equipados para aquele clima. O pior foi que não conseguiram dormir em sítio nenhum pois não havia vagas. Nem a sua canção do bandido a uma empregada de mesa serviu para dar direito a um teto num quarto de pensão. Foram para o alto da gélida cidade da Covilhã junto ao cemitério, e tentaram dormir alguma coisa sem morrerem de frio. De duas em duas horas tinham de ligar a *chauffage* do carro para se aquecerem minimamente pois não tinham levado roupa especial. Uma noite inesquecível da qual se lembrava sempre que passava pela Covilhã. Ali estivera em maio 1969 com o Teatro Universitário na estreia da peça de Lope de Vega "*Fuenteovejuna*".

Embora as suas notas de admissão à Faculdade fossem excelentes, a mudança de tipo de ensino foi (de novo) traumatizante pois custou-lhe imenso a adaptar ao novo ritmo e às exigências de trabalho. Sentia que era apenas mais um número e não uma pessoa como estava habituado a ser tratado no liceu. Aqui cada um era deixado à sua sorte e que se desenrascasse. Começara com atividades extracurriculares tais como o Teatro, do qual tinha já dois anos de experiência liceal.

A sua estreia pelo TUP (Teatro Universitário do Porto) ocorreu a 22 de abril de 1969 sem a presença dos seus pais que jamais o incentivaram em qualquer das suas atividades extracurriculares. Tiveram, depois, uma digressão à Covilhã e outra a Coimbra onde presenciaram os incidentes estudantis com a PIDE a abater um estudante e o chefe da PIDE (um tal Figueiredo) na primeira fila a ver se eram todos subversivos (só alguns, diria JC dissimulando-se na sombra para não ser descoberto).

Nesse período tivera o prazer de ouvir o Mário Viegas dizer poemas seus numa sessão no TUP, depois dos ensaios (daquelas em que tomavam parte o Zeca Afonso, o Manuel Freire, e outros). Foi uma grande honra pois pressentia-se que o Mário Viegas iria longe (faleceu em 1996) na sua arte de declamação que o levou a altos voos, vários discos, programas na rádio e TV. Um dos textos que ele lera constava do primeiro volume de poesia de JC publicado em livro (*edição de autor, Crónica do Quotidiano Inútil, maio 1972*). Fora também nesta fase da vida que começara a saber melhor o que custa trabalhar pois empregara-se em “*part-time*” na Crediverbo. Vendera Enciclopédias Verbo e outros livros entre novembro 1970 e março 1971, com algum sucesso financeiro.

4.8. A ENTRADA NA UNIVERSIDADE É SEMPRE TRAUMÁTICA

Na universidade conheceu logo a Mia, segundo ou terceiro grande amor da sua vida (faleceu nos anos 80, JC estaria agora viúvo). Trata de encontrar ou de se deixar encontrar por uma mulher que preenchesse as suas necessidades afetivas, nos anos seguintes. JC optara por uma mulher mais madura, mais velha (outra vez?) uns cinco ou seis anos. Buscara uma figura maternal que lhe preenchesse um certo vazio dos seus anos mais jovens?

Ainda recordava vividamente que numa noite de S. João fora cear com ela, alguns primos e amigos. Eram 5 ou 6 da manhã. Tinham andado felizes, a pé, até casa sempre a cantar apesar dos 7 km de distância. Foi uma fase afetivamente estável durante três anos. Depois, ela casara. Deixara de pensar nela. Hoje, com esta idade mais avançada tais reminiscências traziam-lhe um sorriso aos olhos, quiçá mais irónico do que cético. Tal como sempre fizera, nunca se arrependera de nada. Nem dos erros e asneiras que cometera, nem das decisões erradas ou intempestivas que tomara e que causaram sérios sacrifícios na sua vida e no seu bem-estar.

Mesmo hodiernamente, sabendo-a já morta, tentava sem conseguir, recordar-se de cheiros, aromas e sabores dessa época. Nem sequer sabia já qual era o nome da fragrância francesa do perfume Givenchy que lhe comprava nesses anos. Foi uma fase que poderia ter sido retirada de qualquer filme francês, a preto e branco,

mas com muita cor, passado na “*rive gauche*” do Sena. Como estudantes nos anos 60. Escapuliam-se para lugares recônditos, tomavam pequenos-almoços em sítios inesperados, havia mar, pinhal, montanha, algum estudo e bastante poesia, daquela poesia doentia, cheia de amor e de promessas, que só os amantes e os políticos conseguem materializar.

Posteriormente, conhecera outrem com quem tivera um tórrido "affair", meramente poético e literário nunca consumado. Mais tarde, essa jovem romântica casaria com um conhecido industrial de têxteis que lhe garantiria uma vida de luxos e benesses, e a entrada nas páginas cor-de-rosa. JC começaria uma nova relação de ano e meio, com outra jovem amante de poesia. Tudo acabara exatamente no dia do casamento dela. Começava a mover-se em areias demasiado movediças, demasiados amores terminando em casamentos que não o seu. Supérfluas cenas perigosas pelas proibições vigentes na sociedade em que estavam inseridos. Viam-se muito amiúde. Fora mesmo a Castro Laboreiro, junto da fronteira de S. Gregório, ver a casa e a família dela. JC considerava que estas três pessoas irmanadas no seu amor à poesia marcaram a fase de amadurecimento. Foram de ulterior importância pois viria a pagar pesadamente o peso destas transgressões. Situações com similaridade iriam ocorrer na sua futura vida matrimonial.

O espectro da tropa havia-se tornado numa realidade só adiada pela frequência universitária. Era só uma questão de tempo até se concretizar. Foi conseguindo sucessivos adiamentos na incorporação militar com documentos da sua frequência universitária até ao fim do curso. Foi uma época interessante. JC tornara-se politicamente ativo, após 1967, ao frequentar o TUP (Teatro Universitário). Ali organizavam concertos secretos com o Zeca Afonso e o Manuel Freire. Paredes-meias com o Quartel-General da GNR onde pensavam que se estava a ensaiar uma peça. Também o faziam. Como cenarista o já famoso Mestre José Rodrigues. Nos ensaios participavam o poeta Mário Viegas e a atriz (futura locutora e vereadora da Cultura da Câmara Municipal do Porto) Manuela Melo. Ulteriormente, no segundo ano do seu curso (1969), JC cofundara a Pró-Associação de Estudantes da F.E.P.

Dado que era proibido formar Associações Estudantis Universitárias servira-se dum qualquer "buraco" da lei para criar a Pró-Associação. Fizeram manifestações ou "manifs", como se chamavam na época, contra a guerra colonial. Viram a U.P. (Universidade do Porto) no Largo dos Leões invadida pelos cavalos da GNR que subiam a longa escadaria em perseguição dos alunos que corriam a acoitar-se no sótão onde se albergavam as seis salas da F.E.P. (Faculdade de Economia do Porto).

Uma das coisas mais importantes em termos organizacionais, a que meteu mãos à obra, foi a preparação de vários convívios de Economia.

Num deles arrendaram o Palácio de Cristal (atual Pavilhão Rosa Mota) e contrataram o Manuel Freire, uma fadista (Maria da Fé ou Lenita Gentil) e outra artista cujo nome há muito se perdeu nos esconsos da memória. Era difícil organizar: havia que contactar e contratar os músicos, pedir a aparelhagem emprestada a uma das lojas da especialidade (VADECA, atual Valentim de Carvalho, ou à Ritmo dum primo seu) na Rua de Santo António (ou 31 de janeiro conforme as modas políticas). Depois havia que improvisar uns cartazes. Era preciso distribuí-los pelos Liceus (D. Manuel e Carolina Michaëlis) que eram os alvos privilegiados pois era daí que vinha mais gente (finalistas de 6º e 7º anos, atuais 11º e 12º). Não era comum haver muita interligação com outras faculdades. Conhecia algumas pessoas de Engenharia e de Letras, mas a menos que se fizesse parte desses grupos não iam às festas deles nem eles vinham às suas. Compravam-se uns blocos de rifas numeradas para colocar à porta e vender os ingressos na esperança de recuperar o investimento feito. Os "artistas" não cobravam cachet, mas havia despesas com o transporte e comida, além do custo do aluguer do local, da tipografia, etc.

Só muito recentemente, em pleno século XXI, se recordara desta sua vertente de capacidade organizativa.

Zeca Afonso estava proibido e não podia atuar em público, por isso restava-lhes contactar o Manuel Freire, o Adriano Correia de Oliveira, o Luís Goes, como cantores de intervenção já que o José Mário Branco estava em França assim como o Sérgio Godinho, entre outros. Hoje em dia contratam um qualquer “pimba” como o Quim Barreiros enquanto na época tinham de condescender apenas com uma fadista local típica, Lenita Gentil ou a mais sofisticada Maria da Fé, dado serem do gosto popular da maioria enquanto uma minoria esclarecida apreciava os cantores malditos ou proibidos. O custo de entrada era de 30 escudos (15 cêntimos) em 1969 ou 1970, segundo a sua irmã lhe recordara em tempos, pois pedira esse dinheiro emprestado a uma amiga dele para poder ir. Só tinha 15 anos na época e a mesada duma miúda dessa idade era insuficiente para um "Convívio de Economia". Não se lembra de ter perdido dinheiro com estas atividades pelo que devem ter sido um sucesso comercial. Nessa época, os convívios e as Queimas das Festas não eram ainda fábricas de monumentais bebedeiras. Embora ocorresse uma ou outra, as pessoas não iam lá especificamente para esse fim. Agora os caloiros e outros vão exclusivamente para se emborracharem até ao coma alcoólico.

Isso evocava o sistema australiano de se embebedarem na quinta-feira, depois do trabalho e regressarem segunda-feira. Quando se lhes perguntava, se tinha sido um bom fim de semana, respondiam alegremente “*deve ter sido, não me lembro de nada*”. Evoque-se, a este propósito, que numa das suas inúmeras idas a Towal Creek (em Comara, Bellbrook, Nova Gales do Sul), a sua quinta favorita, dos amigos

Landers, levava o recém-chegado Jacko que ainda mal falava inglês. Depois de jantarem vieram uns “jackeroos” e “jilleroos” locais e das redondezas (vaqueiros de ambos os sexos) beberem uns copos. Uma festa informal. De hora a hora, metiam-se nas suas carrinhas de caixa aberta e lá iam percorrer 18 ou 20 km até ao bar da aldeia mais próxima para trazerem mais uma grade com 144 cervejas. Depois de o terem feito várias vezes, o ambiente era já quente dentro da casa e animado. Ao ponto de o Jacko já contar em língua portuguesa como pegava touros de cernelha e todos se rirem imenso. Tinha sido um verdadeiro sucesso, este seu amigo de Angola acabado de chegar à Austrália. JC fora deitar-se quando o ambiente já nada inspirava de educativo ou de sóbrio. O amigo, porém, decidira ficar até mais tarde. Não tendo tido o cuidado de conhecer a enorme casa, típica de criadores de gado, e já não havendo ninguém a quem perguntar onde dormir, foi espreitar os cantos da casa. Nas casas de banho encontrara gente de ambos os sexos em diferentes estádios de coma alcoólico. Nos vários quartos deparara com cenas semelhantes, exceto num, onde o filho dos donos da casa, o David estava de chapéu à cobói e botas de montar lidando com as vagas alterosas em cima duma Jill qualquer. Apenas se via o chapéu subir e descer. Ouvia-se arfar. O Jacko esteve para os interromper para indagar se aquilo era o “Australian Way”. Conteve-se, mas na manhã seguinte, por entre a enorme ressaca dos sobreviventes, não parava de se rir a contar o evento.

Esta quinta onde JC adorava ir ficava a mais de 700 km de Sidney. Sempre que podia lá iam passar um fim de semana prolongado. Ia-se até Port Macquarie, na costa norte do estado (Nova Gales do Sul), seguia-se mais em frente rumo norte para Kempsey e fletia-se para o interior na rota das montanhas e de Armidale. A partir de Bellbrook, a estrada deixava o asfalto e passava a terra batida ou gravilha solta. Andavam-se 20 km até se chegar a um portão da quinta. Depois, passavam-se duas barreiras separadoras de gado, já dentro da propriedade, guiando-se por mais dez ou quinze minutos, até se chegar a um ribeiro onde tinham de esperar que os viessem buscar para atravessar de barco. Uma curta travessia já que o ribeiro não era largo nem muito profundo. Em época de cheias havia um segundo ribeiro a atravessar, caso contrário, o trator ou o pequeno camião tipo Unimog conseguia passar sobre as águas. Mais quinze minutos e chegava-se às casas da propriedade. A luz elétrica e a água já eram correntes, mas de fabrico local. Como locais eram a carne, o leite, o pão e outros produtos da terra e centenas de cabeças de gado. Havia cavalos bravos (brumbies) e outros, mais ou menos domesticado que podiam montar. O resto do gado bovino era guiado por motos ou cavalos dum pasto para outro.

Era uma propriedade enorme, demorava horas a dar uma volta de jipe e não se via tudo. Há seis gerações que a família Landers ali estava estabelecida. Com as sucessivas secas (atualmente sofre-se

a maior, desde há três mil anos), as crises da agricultura e baixos preços do gado acabariam por dar à exploração a enorme quinta. Com o avançar da idade dos progenitores estes eram incapazes de cuidar dela apenas com a ajuda dum dos filhos. Os restantes tinham ido estudar e não regressaram. Lá, como cá, o engodo das grandes cidades contribuiu para a desertificação. Mas não se pense que eram uns labregos estes donos da quinta, várias vezes os viram vestidos a rigor para irem assistir a concertos ou a óperas. Ninguém diria que as mãos escalavradas lidavam com a terra e com o gado no resto do ano.

Que diferença dos portugueses.

Ainda assim, Towal Creek vive hoje na memória dos seus tempos áureos.

IN CRÓNICAÇORES: UMA CIRCUM-NAVEGAÇÃO ED VER AÇOR 2008

Disponível online em <https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1013/chronicacores-VOL.-1,-uma-circum-navegacao-vol.1--3%C2%AA-ed-2018.pdf>

Isso é o que faço, na senda da divulgação de autores portugueses (deveria dizer açorianos, mas alguns chateiam-se), numa visão ampla da LÍNGUA PORTUGUESA no mundo, daqui a cem anos. Isto e os outros projetos em que se envolvem os Colóquios da Lusofonia. Faço-o sem querer fama nem proveito, a custo zero e a isso dedico o meu tempo todo sem remuneração...

Pensando melhor, se todos fizessem 5 ou 10% das horas livres o que faço com a minha vida (sim, os colóquios são já a minha vida), o país progredia...mas sozinho sou apenas mais uma gota no imenso oceano de dejetos (falta de moral, de princípios, de ética, etc.) que me rodeia. Por vezes, assalta-me o desalento, a falta de compreensão dos outros, a falta de apoios, a falta de mecenas, tenho ganas de desistir e deixar a obra incompleta, mas desisto sempre, pois esta é a minha vocação, a marca terrena perene que quero deixar impressa na rocha, como se estas terras em que vivo não fossem elas mesmo um vulcão, mas sim eu. Este é o meu magma, a minha lava ardente lavrando pequenos sulcos na paisagem. Sem isso não encontro grandes justificações para permanecer entre os vivos, sou uma gota minúscula neste imenso oceano que me rodeia, mas sou uma gota feliz, mais do que quando

andava *workhaolic* (trabalhólico)
18 horas ao dia, para ter mais e
mais. Admito que me sinto triste e
impotente pela mole que me rodeia
e por ver que posso fazer tão pouco
por mais tolerante que tente ser.
Sou cidadão eleitor australiano,
mas se fosse eleitor português seria
apenas mais um voto que de nada
serviria...apenas me daria
legitimidade para continuar a dizer
EU NÃO VOTEI NELES...

Eles não são os mesmos do
tempo em que eu no TUP (Teatro
Universitário do Porto 1967-1972)
me extasiava a ouvir o grande Zeca
Afonso (que compôs a música da
peça onde entrei) cantar
secretamente (paredes meias com o
quartel general da GNR no
Porto...) a cantar "eles comem
tudo..."

Na altura não comiam nada
comparados aos atuais, que são
bem mais "Chico-espertos" e nos
impelem a recordar:

IN CHRÓNICAÇORES VOL 2 ED CALENDÁRIO DE LETRAS 2011, ONLINE EM
[https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1012/ChronicAcores-VOL-2--uma-circum-navegacao-vol.-2-\(3%C2%AA-ed-2018\)..pdf](https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1012/ChronicAcores-VOL-2--uma-circum-navegacao-vol.-2-(3%C2%AA-ed-2018)..pdf)

.....

IN CHRÓNICAÇORES VOL 3 RASCUNHO ONLINE EM
<https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1024/chronicacores-VOL.-3-vol-2005-2018-rascunho-sem-cortes.pdf>

95.3. UNIVERSIDADE E TUP (TEATRO UNIVERSITÁRIO)

O espectro da tropa havia-se tornado numa realidade adiada pela frequência universitária. Era uma questão de tempo até se concretizar. Fui conseguindo sucessivos adiamentos na incorporação militar com documentos de frequência. Foi uma época interessante e coincidiu nesse período tornar-me politicamente ativo, após 1967, ao frequentar o TUP (Teatro Universitário). Ali se organizavam concertos secretos com o Zeca Afonso, entre outros, paredes-meias com as cavalariaças do Quartel-General da GNR no Carmo, onde se pensava que estávamos a ensaiar uma peça. Também o fazíamos. Como cenarista tivemos o já famoso alfandeguense Mestre José Rodrigues. A composição musical era toda do Zeca Afonso que ali ia várias vezes. Nos ensaios participavam o poeta Mário Viegas e a atriz (futura locutora e vereadora da Cultura da Câmara Municipal do Porto) Manuela Melo.

Ulteriormente, no segundo ano do meu curso (1968-69), cofundei a Pró-Associação de Estudantes da F.E.P. Dado que era proibido formar Associações Estudantis Universitárias servira-me dum qualquer "buraco" da lei (já não recordo qual) para criar a Pró-Associação, cuja tarefa principal era imprimir cópias das "sebentas" para vender aos alunos. Uma das coisas mais importantes em termos organizacionais foi a preparação de convívios de Economia. Uma das vezes arrendamos o Palácio de Cristal (atual Pavilhão Rosa Mota) e contratamos o Manuel Freire, uma fadista (Maria da Fé ou Lenita Gentil) e outra cantante jovem cujo nome há muito se perdeu nos esconsos da memória.

Era difícil de organizar, contratar os músicos, pedir a aparelhagem emprestada a uma das lojas VADECA (Valentim de Carvalho), ou à Ritmo (do meu primo Henrique Pinto Leite na Rua de Sto. António ou 31 de janeiro conforme as modas políticas). Depois era fazer uns cartazes e distribuir pelos Liceus de D. Manuel e de Carolina Michaëlis que eram os alvos privilegiados pois era daí que vinha mais gente (finalistas de 6º e 7º ano, atual 11º e 12º), dado não haver muita interligação com outras faculdades. Conhecíamos alguns de Engenharia e de Letras, mas a menos que fizéssemos parte desses grupos não íamos às festas deles nem eles vinham às nossas. Compravam-se blocos de rifas numeradas para colocar à porta e vender os ingressos na esperança de recuperar o investimento feito.

Os “artistas” não cobravam cachet, mas havia despesas com o transporte da aparelhagem, além do custo do aluguer do local, da tipografia, etc. Só muito recentemente, em pleno séc. XXI, recordei esta capacidade organizativa. Zeca Afonso estava proibido e não podia atuar em público, por isso restavam Manuel Freire, Adriano Correia de Oliveira, Luís Goes, como cantores de intervenção, já que o José Mário Branco estava em França assim como o Sérgio Godinho, entre outros. Hoje em dia contratam o Quim Barreiros enquanto nós na época tínhamos a fadista local típica, Lenita Gentil ou a mais sofisticada Maria da Fé, que eram do gosto da maioria enquanto uma minoria esclarecida apreciava os cantores proibidos. O custo de entrada era de 30\$00 Escudos (15 cêntimos) em 1969-1970, segundo a minha irmã me recordou há tempos, pois pediu o dinheiro emprestado a uma amiga minha para poder ir. Ela só tinha 15 anos (eu teria 20-21) e a mesada duma miúda de 15 anos era insuficiente para ir a um “Convívio de Economia”. Não me lembro de ter perdido dinheiro nestas atividades pelo que devem ter sido um sucesso comercial.

Embora as notas de admissão à Faculdade fossem excelentes, a mudança de tipo de ensino fora (de novo) traumatizante e custou a adaptar ao novo ritmo e às exigências de trabalho. Senti que aqui era mais um número e não uma pessoa, como estava habituado a ser tratado no Liceu. Cada um era deixado à sua sorte e que se desenrascasse.

Fizemos manifestações ou "manifs" (proibidas e ilegais) como se chamavam na época, contra a guerra colonial. Vimos a U.P. (Universidade do Porto) no Largo dos Leões ser invadida pelos cavalos da GNR (estacionados, mais abaixo, ao lado da então Faculdade de Letras, onde estava o TUP, depois Instituto Abel Salazar) que subiam a cavalo a longa escadaria, em perseguição aos alunos que só escapavam indo acoitar-se no sótão onde se albergavam as seis salas da F.E.P. (Faculdade de Economia do Porto).

Comecei com atividades extracurriculares tais como o Teatro, do qual tinha já dois anos de experiência liceal. A minha estreia pelo TUP (Teatro Universitário do Porto) ocorreu a 22 de abril de 1969, sem a presença dos pais que jamais me incentivavam em qualquer atividade extracurricular. Tivemos, depois, a digressão à Covilhã e a Coimbra onde presenciamos os incidentes estudantis com a PIDE a abater um estudante e o Chefe da PIDE (um tal senhor Figueiredo) na primeira fila a ver se eram todos subversivos (só alguns, diria eu dissimulando-me na sombra para não ser descoberto). Nesse período tive o prazer de ouvir o Mário Viegas dizer poemas meus numa sessão privada no TUP, depois dos ensaios (daquelas em que tomavam parte o Zeca Afonso e outros). Foi uma grande honra pois pressentia que o Mário Viegas iria longe (faleceu em 1996) na sua arte de declamação que o levou a altos voos, vários discos, programas na rádio e TV.

Alguns textos que aqui transcrevo e ele leu, eram do meu primeiro volume de poesia publicado em livro (ed. de autor, Crônica do Quotidiano Inútil, maio 1972).

312. ESTE TEMPO É QUADRADO (outubro 12, 1971)

*ESTE TEMPO É QUADRADO
EM CADA CANTO UMA ANGÚSTIA
O CENTRO SOU EU.
MEU PAI CHAMA-ME (sempre) EGOCENTRISTA.*

267. onde se fala de guerra (maio 7, 1971)

*DO LADO DE LÁ DA TERRA
A VIDA FAZ-SE PARA OS HOMENS
QUE A VÃO PERDER NA GUERRA*

(onde se fala de guerra)

a) .

*No vietname diferenciam-se as crianças sem ser pela cor da pele
para elas não há noite ou dia, é sempre inferno, destruição.
Com irmãos às costas ou amparadas em muletas
passam com sorrisos embrutecidos a caminho dos hospitais,
é lá que ouvem falar de paz, aos soldados,
por entre paredes que às vezes até são caiadas,
lá onde as camas antecedem campos frugais.
A violência martelará as suas letras 24 horas ao dia:
enquanto andarem nas ruas e estradas hão de ver sangue
cheirar a sangue, palpá-lo, sugá-lo quente.
Para as crianças do Vietname
a fome tem quatro letras, escreve-se à custa de pais e irmãos,
isso aprendem elas a preço de morte, amputação.
Aos cinco anos as crianças viet são soldados
aprendem o manejo de metralhadoras e granadas
e não brincam às guerras nem aos polícias e ladrões.*

b) .

*No vietname as crianças têm muitas férias
ao chegarem às escolas, estas já não existem.
Naquelas paragens é irresolúvel o problema da habitação
devido ao clima quente (chamam-lhe explosivo).
Ninguém fala em poluição ou em taxas de mortalidade
a não ser por ironia.
No vietname a censura na televisão é dispensável
as crianças não são afetadas por filmes de terror.
Se as divindades de inúmeros braços fossem contemporâneas
os profetas esculpidos seriam fotos das zonas bombardeadas.
Lá o amor é proibido por causa da falta de tempo.
sempre que há tréguas, milhares de viets
recolhem traumatizados aos hospitais
(o silêncio também mata).*

*Como desporto autorizado a defesa da vida,
não tem regras, assemelha-se ao tiro-ao-alvo.*

c) .

*Os poucos velhos que sobrevivem
não contam o que viram para não terem nojo de nós.*

Por isto, sorrio-me de alguém dizendo a meu lado:

*“...em Portugal as crianças não chegam a sê-lo,
corrupção, violência, vícios, até na TV...”*

rio-me, já o não ouço.

*Por entre o vento, lá longe
o matraquear certo da metralha,
pelo clarão das bombas passam soldados a correr
atrás do troar das explosões
com gritos suspensos das gargantas caladas,
vidas que se esvaem em poças de morgue.*

Morte.

Violência.

Destruição.

A –M – B- I- Ç- ã –O...

De repente dou comigo a dar esmola a um miúdo.

167. Epilogo. (à memória póstuma de uma consciência)

*EM CADA MINUTO DE SILÊNCIO
HÁ MILHÕES DE GRITOS DE SOCORRO
POR TI IGNORADOS.
ENTRETANTO CONGRATULAR-TE-ÁS
POR TERES TIDO UM MOMENTO DE DESCANSO.*

338.4. CROSS ROADS

*SEGUIMOS CAMINHOS CRUZADOS
NA ESPERANÇA INFUNDADA
DE NOS ENCONTRARMOS NO INFINITO:
E NINGUÉM LHE VAI PEDIR
A ANTECIPAÇÃO DESSE ENCONTRO.*

Foi também nesta fase da vida que comecei a saber melhor o que custa trabalhar pois empregara-me em “part-time” na Crediverbo. Vendi Enciclopédias Verbo e outros livros entre novembro 1970 e março 1971, com algum sucesso financeiro.

Convirá anotar aqui que naquele tempo as Queimas das Festas não eram ainda fábricas de monumentais bebedeiras. Embora ocorressem, as pessoas não iam lá especificamente para esse fim. Agora os caloiros e outros vão exclusivamente para se emborracharem até ao coma alcoólico.

TUP

— ENCENAÇÃO

Correia Alves

— MÚSICA

José Afonso

Ensaíada por

Borges Coelho

Acompanhada por

Vitor Valente

— CENARIOS

Alexandre Vasconcelos

— FIGURINOS

José Rodrigues

Confecção de

Amélia Varejão

— ADEREÇOS

Manuel Mouga

TIPOGRAFIA DO CARVALHIDO
PORTO
2.500 ex. — 4-1969

FU EN TE OVE JU NA

“ José Crystelo ”
**LOPE
DE
VEGA**

chrys 1969Fuenteovejuna (1)



Sob a direcção do dr. Correia Alves, o elenco do Teatro Universitário de Porto prepara uma peça de Lope de Vega

o TUP

À ESPERA DO TEATRO DE BOLSO

chrys 1969FLAMA21.02.1P1



cena de «Fuentoevejuna» peça que entractores principis e figurantes movimenta quarenta pessoas.

O TUP trabalha. Prepara o seu primeiro espectáculo deste ano. Ensaia, sob a direcção do dr. Correia Alves, um clássico espanhol, de Lope de Vega, «Fuentoevejuna». Levar ao palco a peça de Lope de Vega era um velho sonho do encenador. O sonho torna-se realidade. A custa de sacrifícios.

— Tem sido uma aventura maravilhosa — diz o dr. Correia Alves. O espírito de equipa do TUP, a sua dedicação pelo Teatro, têm-me na verdade, ajudado a desbravar as maiores dificuldades de um texto tão rico de intenções cénicas e humanas. Temos passado noites em claro. Foram abolidas muitas horas de divertimento para que os ensaios possam decorrer num ritmo acima do normal.

Desde a primeira leitura da peça, em 2 de Dezembro passado, o elenco de «Fuentoevejuna» tinha realizado, até meio deste mês, mais de duas dúzias de ensaios. Em média, cada sessão de trabalho ocupa quatro horas. Para um grupo de amadores, de estudantes universitários, é fácil avaliar o esforço que isso representa. Ao mesmo tempo, dá uma medida da sua dedicação e do seu interesse.

O Teatro Universitário do Porto, que há dois meses comemorou vinte anos de existência, exhibe uma vitalidade que pode ser levada à conta de promessa. Com efeito, o TUP conta com uma centena de elementos, recrutados nas várias Faculdades, recorrendo-se deles para preencher quase todas as suas necessidades. Com efeito, actualmente, apenas recorre a um trio estranho à equipa estudantil: o encenador, o figurinista e o cenógrafo. O primeiro, compreende-se e aceita-se que venha de fora. Será um mestre. Os outros dois cargos, porém, fazem lembrar a necessidade urgente da criação de uma cadeira especializada na dinâmica Escola de Belas-Artes do Porto, velho sonho de alguns, que muito poderia vir a beneficiar o teatro português.

Da centena de estudantes do elenco do TUP saem os elementos indispensáveis às várias tarefas nos bastidores e toda a equipa — dos figurantes

sentar «Fuentoevejuna». O desdobramento, o espírito de entreaajuda estão sempre presentes, como nos salientou um dos directores do TUP, António Fornelos. É essa a mola real que movimenta e anima o Teatro Universitário do Porto, o qual ainda o ano passado, no I Festival de Teatro da Covilhã, obteve o primeiro prémio de grupo, com a peça «Ana Kleiber», de Alfonso Sastre, numa encenação de Correia Alves. Teatro é trabalho de equipa.

A actual equipa dirigente quer dinamizar toda a actividade do agrupamento. Uma peça dedicada ao público infantil será em breve distribuída para início de ensaios. Trata-se de «Casaco Encantado», de Lucia Benedetti. Ao mesmo tempo, a secção cultural do TUP já está a promover uma série de conferências-colóquios, com a colaboração de destacadas figuras do meio cultural e artístico. Assim, o prof. dr. Ferreira de Almeida falou sobre «Arte em geral» e o dr. Armando Castro debatem a «Inter-acção entre a obra de Arte e a estrutura económica da sociedade».

Uma peça de fôlego, «Fuentoevejuna», e uma infantil, «Casaco Encantado», constituem todas as ambições de encenação, para esta temporada, do TUP. Não pretendem ir mais além. Eles são amadores que aproveitam os intervalos das aulas para se dedicarem ao teatro. O TUP não pretende formar actores nem encenadores, nem técnicos teatrais. Procura, isso sim, no dizer dos seus responsáveis, formar espectadores esclarecidos que enriqueçam as nossas pobres plateias de Teatro sério. Mas se ao mesmo tempo, como os seus colegas brasileiros, os estudantes portuenses nos conseguirem dar, algum dia, uma «Vida e Morte Severina», então melhor ainda. Esperemos por Lope de Vega. Também eles esperam que o Ministério das Obras Públicas dê um jeito na sala que poderá vir a ser o «teatro de bolso» do TUP. Dose degraus de madeira, capazes de acomodar 300 pessoas, já estão montados. Falta apenas destruir uma parede para que o pequeno teatro nasça. E isso é indispensável para que o TUP poder trabalhar com



A estreia de «Fuentoevejuna» esta, e princípio, prevista para fins do próximo mês. Ela representará o esforço de quat meses de trabalho de uma equipa q esperaz que o Ministério das Obras Púb

CHRY 1969 ELA 21 FEV 2



13-12-1968

XX *Aniversário*

1948 - 1968

chrys 1968 TUP